

4º do como

norte/nordeste

Arquitetura em cidades "sempre novas": modernismo, projeto e patrimônio.

Clube Líbano Brasileiro em Recife: um registro dos últimos suspiros.

(1) VIEIRA, Natália Miranda; (2) MARQUES, Sonia; (3) OLIVEIRA, Terezinha Monteiro.

(1) Arquiteta, Profª Drª do Departamento de Arquitetura/Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – DARQ/PPGAU/UFRN
Caixa Postal 1577 – Natal/RN, CEP. 59078-970. (084) 3215.3705 ramal 231
natvieira01@hotmail.com

(2) Arquiteta, Profª Drª do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba – DAV/UFPB e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGAU/UFRN
marquessoniam@hotmail.com

(3) Arquiteta, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco – MDU/UFPE e professora do Departamento de Arquitetura UNIPÊ-PB
terezinha_mo@yahoo.com.br

Eixo temático: Narrativas Historiográficas

Clube Líbano Brasileiro em Recife: um registro dos últimos suspiros.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo registrar, como forma de preservar, o projeto do Clube Líbano Brasileiro em Recife, de autoria do arquiteto Dilson Mota Neves, integrante de uma geração atuante em Pernambuco nas décadas de 50/60. Construído em um momento onde o programa de clube social representava os anseios de uma elite econômica, o clube hoje, após reiteradas e agressivas intervenções, encontra-se com sua demolição anunciada para a substituição por um “moderno” edifício empresarial ao gosto das elites atuais.

O projeto do Clube Líbano Brasileiro apresenta uma composição do primeiro modernismo composta por dois arcos atirantados que sustentam as laterais da edificação, aparentada ao Palácio dos Soviets de Le Corbusier (1930), artifício que será também utilizado pelo famoso e pioneiro arquiteto Luiz Nunes, em 1935, na Escola Rural Alberto Torres, em Recife.

Seguindo a via aberta por Amorim (2007), pretendemos contribuir para um Obituário da arquitetura modernista em Pernambuco. Deixamos ao final em aberto uma questão sobre o desprezo em relação ao patrimônio modernista. De fato, se de um lado ele pode ser atribuído a questões da especulação imobiliária e da voracidade pela valorização de terrenos com maior taxa de ocupação, por outro lado ele não evidenciaria também a mudança das elites dirigentes? Os que no passado eram elite e construíram os Clubes, entre eles o Líbano Brasileiro, não são hoje substituídos pelos que constroem as torres empresariais? Na impossibilidade de fechar uma resposta o que pretende este artigo é documentar mais um moribundo, enfatizando o valor que se perde, mais do que choro de carpideiras pretendemos fomentar uma discussão reativa. Entre choros e velas dos sucessivos leitos de morte, talvez algum exemplar se salve. Registrar, como forma de sobreviver.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura moderna (PE). Preservação. Obituário.

ABSTRACT

This article aims to register, as a way of preservation, the Project of the Líbano Brasileiro Club in Recife, created by the architect Dilson Mota Neves, one of the architects who belonged to the generation of the fifties and sixties in Pernambuco. Built in a moment in which the program of the social club represented the desires of the higher classes, the Club, today, after repeated and aggressive interventions, has its demolition announced to give place to a “modern” business tower, in the manner of the present elite.

The Líbano Brasileiro Club project presents a composition of the first modernism, consisting of two two arches design that sustain both sides of the building, similar to The Soviets Palace of Le Corbusier (1930). This kind of solution was also utilized by the famous and pioneering architect Luiz Nunes, in 1935, at Alberto Torres Rural School, in Recife.

Following the path opened by Amorim (2007), we intend to contribute for an Obituary of the modernist architecture in Pernambuco. In the end, we raise a question about the despise to the modernist heritage. In fact, if, in on one hand this despise can be assigned to the issues of real estate speculation and the voracity of the economic increase in value of the land with higher rate of occupancy, on the other hand, isn't it an indication of a changing in the dominating classes?

Could we not say that those who in the past were elite and built the clubs, such as the Líbano Brasileiro, have been replaced by the ones who build the business towers? Due to the impossibility to answer this question now, what the present article intends is to document one more moribund, emphasizing the value which is lost. Instead of simply mourning these losses, we want to foment a reactive discussion. Among the tears and candles of the successive deathbeds some specimen might be spared. Registration as a form of survival!

KEY WORDS: Modern Architecture (PE). Preservation. Obituary.

1. Introdução

(...)Mas a pior das mortes é a anunciada. É delas a que mais mata. Ela é anunciada nas normas dos homens, que estabelecem o princípio de que trocar uma arquitetura por outra é um bom negócio. Anunciada, seu nome próprio, é sempre cega, surda e muda, mas sempre fala, ouve e vê. Todos a percebem, convivem com ela e muitos agradecem a sua presença, como um ente protetor – como se a morte pudesse proteger alguém de alguma coisa. Anunciada também tem outros nomes. É conhecida pelas alcunhas de progresso, demanda habitacional ou, simplesmente, investimento imobiliário. Independentemente do nome que receba, Anunciada é a rainha das mortes arquitetônicas. Contra ela nossas rezas: esconjuro! (AMORIM, 2007: 17 – grifo das autoras).

A destruição do patrimônio moderno que motivou a própria criação do DOCOMOMO segue avassaladora inclusive no Nordeste Brasileiro. Exemplares da arquitetura nordestina apresentados no encontro regional de 2010, como é o caso do Estádio João Cláudio de Vasconcelos Machado, o Machadão, em Natal, já não se encontram mais entre nós.¹ Sua demolição é um dos legados que a Copa 2014 nos deixa.



Figura 01: O Machadão (Natal-RN) nos últimos estágios de sua demolição.

Fonte: José Clewton do Nascimento, maio de 2011.

Na defesa de nosso patrimônio moderno, o movimento inicial para a elaboração deste artigo tinha como foco as intervenções agressivas feitas no Clube Líbano Brasileiro em Recife. Trata-se de um exemplar de destaque da arquitetura moderna pernambucana projetado pelo arquiteto Dilson Mota Neves, integrante de uma geração atuante em Pernambuco nas décadas de 50/60. Entretanto, para a nossa surpresa, ao iniciarmos a pesquisa e levantamento de dados sobre o caso em questão, descobrimos que a sua demolição já está prevista e aprovada pelos órgãos competentes.

Na esteira do “desenvolvimento” da área onde se encontra, em cujas imediações está sendo construído o complexo Shopping Rio Mar e seus edifícios empresariais adjacentes, a beira da projetada Via Mangue, o Clube Líbano Brasileiro, depois de sofrida agonia resultante de intervenções invasivas e grotescas, dará lugar a um “belo exemplar” de edifício empresarial.

¹ VELOSO, VIEIRA e PEREIRA, 2010.

Assim, nosso objeto de estudo acrescenta-se aqueles exemplares citados por Amorim no Obituário Arquitetônico Pernambuco Modernista (AMORIM, 2007), do qual tiramos a epígrafe para este artigo. Apesar de surpreender-nos, devemos reconhecer: tratava-se de mais uma morte anunciada. Que nome ou nomes poderiam ser atribuídos a esta morte da qual aqui tratamos?

Porém, mais que discutir o processo homicida da nossa arquitetura moderna, suas razões causa, o que faremos brevemente no início deste artigo, interessa-nos sobretudo registrar a perda. Como assinala Amorim, contra tais mortes restam rezas. Registrar para esconjurar é o que pretende este artigo. Documentar mais um moribundo, discutindo sua causa mortis e, sobretudo, enfatizando o valor do que se perde, mais do que choro de carpideiras pretende fomentar uma discussão reativa. Entre choros e velas dos sucessivos leitos de morte, talvez algum exemplar se salve. Registrar, como forma de sobreviver. Esconjuramos!

2. O Clube como programa modernista típico.

O Clube Líbano Brasileiro no Recife foi projetado pelo arquiteto Dilson Mota Neves. No projeto, registrado/arquivado na 6ª Regional da Diretoria de Controle Urbano (DIRCON) da Prefeitura do Recife, vê-se o carimbo de aprovação datado de 26 de fevereiro de 1960.

A História do projeto, no entanto, começara quatro anos antes. Segundo matéria publicada na Folha da Manhã de 1956, a diretoria do clube convidou vários arquitetos - os quais, infelizmente, não conseguimos identificar - para apresentar propostas para a nova sede a ser construída e entre estas elegeu o projeto de Dilson Mota Neves.

O clube social, vale lembrar, é um dos programas típicos da arquitetura moderna brasileira, talvez latino-americana, na medida em que expressa uma sociabilidade típica dos anos trinta e sessenta do século vinte. O clube é o lugar de encontro de novos grupos urbanos, compostos pelas oligarquias agrárias decadentes ou transformadas em proprietários de indústrias, e das novas classes médias urbanas, profissionais liberais, alto funcionários do estado, políticos.

Por exemplo, Dona Rosa Fonseca uma visitante-turista, referindo-se a um clube similar ao que aqui consideramos, o Clube Líbano Brasileiro de Fortaleza, construído em meados da década de 50 seguindo cânones modernista, - e também já destruído - descreve, em suas memórias de uma viagem de navio uma visita realizada, na tarde do dia 10 de junho de 1969:

(...) Muito bonito também é o Clube Líbano Brasileiro. Na entrada de chão e paredes de mármore branco estriado de preto, tem duas meias paredes ladeando uma linda escadaria em metal branco – duas meias paredes – em espelho de cristal que parece contos de fadas. Encerramos o nosso passeio em casa do simpático casal Péricles e sra. (...)
(<http://diariodadonagorda.wordpress.com/tag/viagem-de-navio>)



Figura 02: Clube Líbano Brasileiro de Fortaleza, em meados da década de 50, na Rua Tiburcio Cavalcanti, nº 271, Fortaleza-CE.

Fonte: <http://fortalezaemfotos.blogspot.com.br/2011/11/estava-ali-nao-esta-mais-parte-2.html>

3. O Clube Líbano Brasileiro na arquitetura moderna de clubes do Recife.

A sociabilidade do clube segue o princípio de afinidades eletivas, que de um certo modo podem conduzir ao ghetto, Um clube é um espaço do qual nem todos fazem parte, apenas os que aa ele aderiram e sobretudo aqueles que foram aceitos. Na primeira metade do século passado, no Brasil, os critérios podiam chegar a ser bem restritivos, muito embora a base fosse muitas vezes nacionalidades e/ou atividades esportivas. No Recife, esta aceitação, em muitos casos, limitava-se apenas aos membros de uma elite branca. Tal era o caso do Clube Náutico Capibaribe, por exemplo, que data de 1901, tendo como origem grupos rivais de remadores recifenses que se uniram. O futebol aparece em 1905 com um time pioneiro de ingleses. Neste mesmo ano, foi fundado o Sport Clube. A sede modernista do Clube Náutico data dos anos trinta, o estádio Eládio Barros de Carvalho é de 1939, popularmente conhecido como Estádio dos Aflitos. O Clube Português fundado em 1934 e dois anos depois, em 15 de fevereiro de 1936, inaugurou a sua primeira sede, com a presença do Governador do Estado, Dr. Carlos de Lima Cavalcanti, que como se sabe foi um protetor da arquitetura moderna em Pernambuco. A ocasião foi de festa de grande gala e maior repercussão no Estado. A primeira sede apresentava um aspecto art déco muito semelhante aos projetos de cassino de sedes de emissora de rádio e de cinemas da época, com uma torre alteando-se à maneira compositiva do palacete Stoclet de Hoffman. Entre os primeiros diretores do clube estava Antonio Lages que, junto com seu irmão, seriam clientes de renomadas residências projetadas por Delfim Amorim.

Já o projeto do Clube Líbano Brasileiro foi apresentado à sociedade pernambucana, em agosto de 1956, quando o bairro do Pina, local onde foi implantado encontrava-se no início da sua formação urbana no papel de ligação da cidade do Recife com a praia de Boa Viagem então apenas balneário de veraneio. Anunciava-se então:

A sede social terá capacidade para quinhentos sócios e ficará situada em um terreno de esquina, cruzamento de uma transversal com a futura Avenida, prolongamento da nova ponte do Pina, as margens do rio Jiquiá (FOLHA DA MANHÃ, 26/08/1956).

O anúncio da construção do Clube Líbano Brasileiro foi recebido pela sociedade pernambucana com destaque e exaltação das características modernistas do referido edifício. A Página de Arquitetura da Folha da Manhã de 26 de agosto de 1956 traz a ilustração do projeto de Dilson Mota Neves descrito da seguinte forma:

A cobertura em uma só água resultou do sistema estrutural adotado. Consiste em uma laje apoiada em uma extremidade sobre paredes e colunas e a outra em dois arcos por meio de tirantes, o que permitiu uma solução plástica mais agradável dando maior sentido de leveza (FOLHA DA MANHÃ, 26/08/1956).

O comentário, raro para um jornal não especializado e, atualmente, utiliza claramente o jargão arquitetônico, destacando o sistema estrutural e a “solução plástica mais agradável” pela leveza resultante. Teria sido feito por um profissional da área, talvez até pelo próprio autor do projeto ou as elites letradas, leitoras de jornal, entendiam então mais de arquitetura?

4. O arquiteto: Alguns viadutos, duas residências e um clube.

O autor do projeto do Clube Líbano, Dílson Mota Neves nascido em 15 de maio de 1930 e falecido há poucos anos, em 25 de setembro de 2006, formou-se em arquitetura e urbanismo pela UFPE em 1954, integrando uma geração de modernistas pernambucanos, muitos dos quais vem sendo seguidamente estudados, como por exemplo, seu colega e amigo Marcos Domingues. A obra de Dilson Mota Neves permanece, no entanto, menos conhecida que a de seus colegas, talvez porque sua vida profissional tenha estado, sobretudo, ligada ao trabalho desenvolvido junto à Divisão de Estudos Viários (DEV) da Empresa de Urbanização do Recife (URB-Recife) que, por sua vez, faz parte da estrutura administrativa da Prefeitura do Recife. Foi na DEV-URB- que Neves realizou projetos para viadutos como o do Forte de 5 Pontas.²

Como autônomo, a produção de Neves limitou-se a duas residências: a de sua propriedade, a do Dr. José Neves na Praça do Rosarinho. Além, destas, o Clube Líbano Brasileiro, sem dúvida seu projeto mais importante.

² Informações fornecidas pela viúva do arquiteto, Dona Menira Domingos Neves, em entrevista realizada na residência do casal em março de 2012.



Figura 03: Residência do arquiteto e projetada pelo arquiteto, ainda existente, na Rua Antônio de Castro 267, Casa Amarela. **Fonte:** Terezinha Oliveira, março de 2012.

A residência Dilson Mota Neves, projetada posteriormente ao clube³ apresenta algumas soluções do modernismo tardio, contemporâneo à sua construção. A fachada para rua sendo poente foi tratada com fechamentos protetores, em tijolo aparente sendo continuada por elementos vazados de concreto, os cobogós de segunda geração.

Já o Clube Líbano Brasileiro apresenta uma composição do primeiro modernismo.



Figura 04: Clube Líbano Brasileiro.
Fonte: Arqtextos 098.05, ano 09, jul 2008. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/09.098/128>

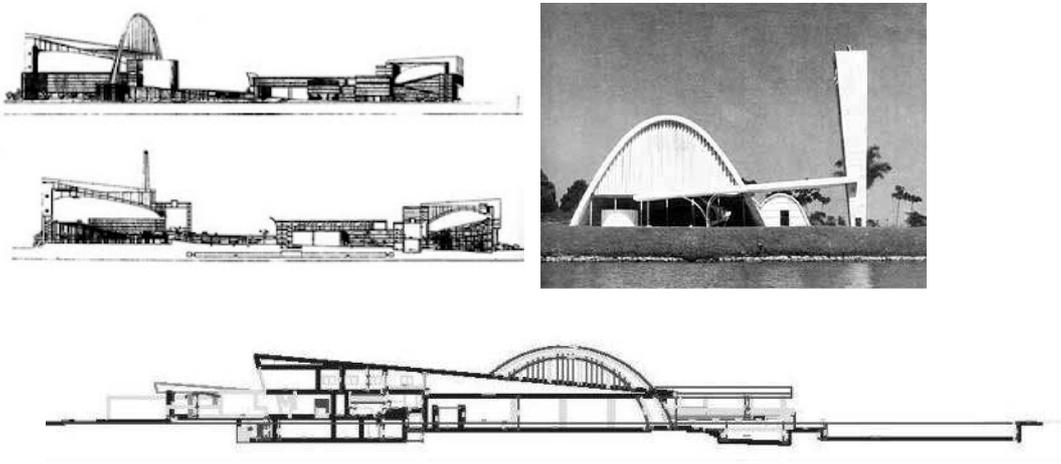
Com efeito, a solução plástica a que se referia o jornal ao anunciar o projeto do Clube Líbano advinha de dois arcos atirantados que sustentam as laterais da edificação. É uma composição que aparecia no projeto para o Palácio dos Soviets de 1930, de Le Corbusier e

³ O Habite-se para a residência na Prefeitura do Recife data de 07/10/1968.

será também utilizado pelo famoso e pioneiro arquiteto Luiz Nunes, em 1935, na Escola Rural Alberto Torres, em Recife. Em termos compositivos, mas não estruturais a estratégia de contrastes entre o arco e elementos ortogonais será encontrada em 1945 na igreja de São Francisco em Pampulha, onde o arco torna-se a abóbada da nave.



Figuras 05 e 06: Escola Rural Alberto Torres, projeto de Luiz Nunes de 1935.
Fonte: Natália Vieira, maio de 2006.



Figuras 07, 08 e 09: Desenhos para o Palácio dos Soviets de 1930, de Le Corbusier, Capela São Francisco de Oscar Niemeyer na Pampulha e Desenho do Corte do Clube Líbano Brasileiro em levantamento recente.

Fonte: <http://www.artmargins.com/index.php/2-articles/389-modernism-and-destruction-in-architecture>; <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.004/985> e desenho do levantamento realizado por Josinaldo Santos Ramos, gentilmente cedido às autoras.

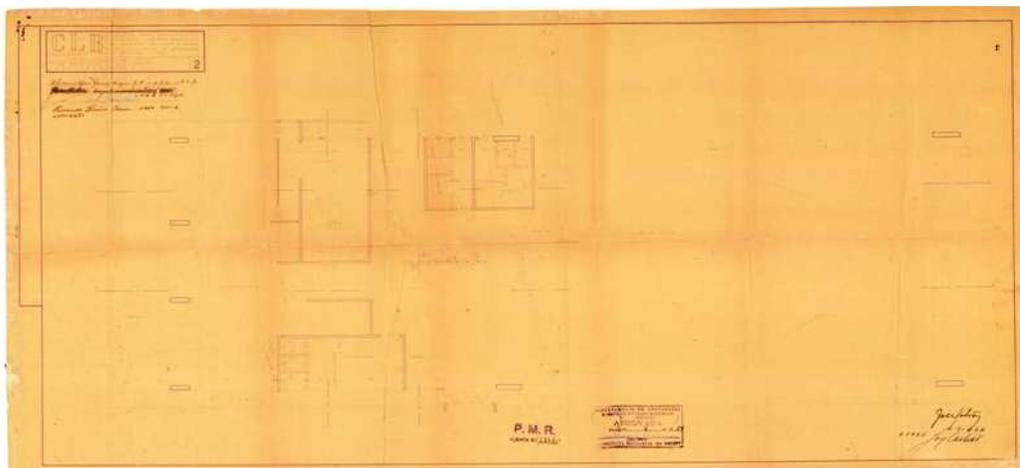


Figura 10: Planta Baixa Clube Líbano Brasileiro, projeto registrado na DIRCON, 1954.
Fonte: Arquivos da DIRCON – 6ª Regional.

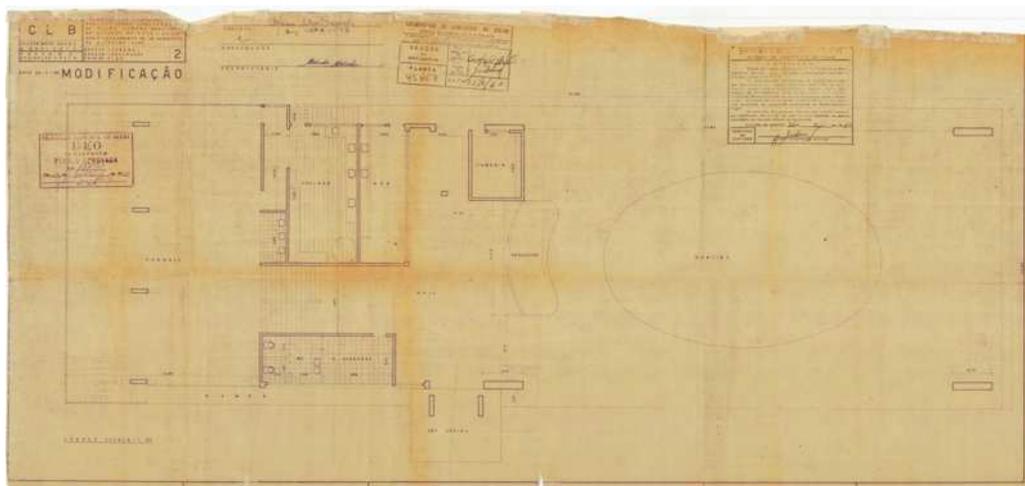


Figura 11: Planta Baixa Clube Líbano Brasileiro, projeto registrado na DIRCON, modificação de 1960.

Fonte: Arquivos da DIRCON – 6ª Regional.

Em 1956, Neves aprovou o projeto do Clube com a planta baixa conforme vemos na figura 10 acima. Mas em 1960, antes de concluída a obra, o arquiteto apresentou pequenas modificações ao projeto, além de um acréscimo de um depósito em subsolo com 61,40 m, conforme vê-se na figura número 11 acima. Assim o projeto teve o habite-se. De qualquer forma, a definição compositiva dada pelo contraste entre o volume trapezoidal e os arcos atirantados mantiveram-se tal qual desde o início.

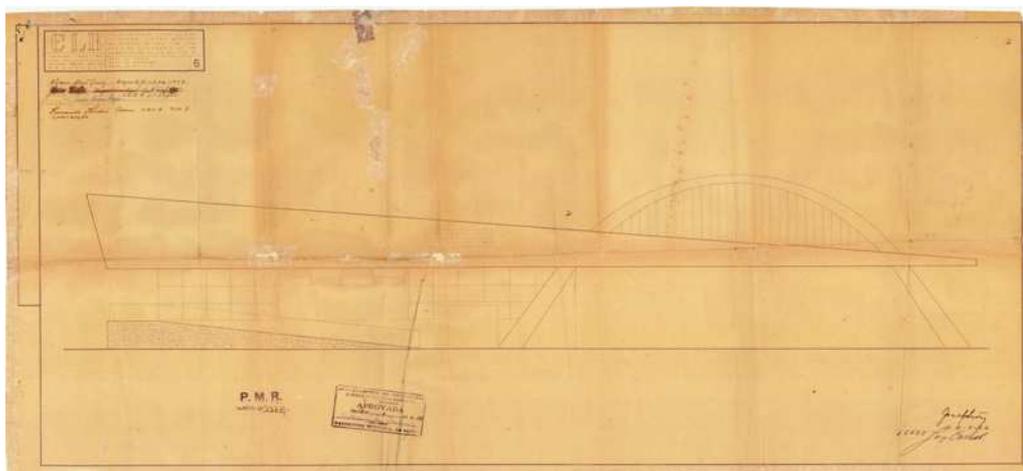


Figura 12: Fachada do Clube Líbano Brasileiro, projeto registrado na DIRCON, 1960.

Fonte: Arquivos da DIRCON – 6ª Regional.

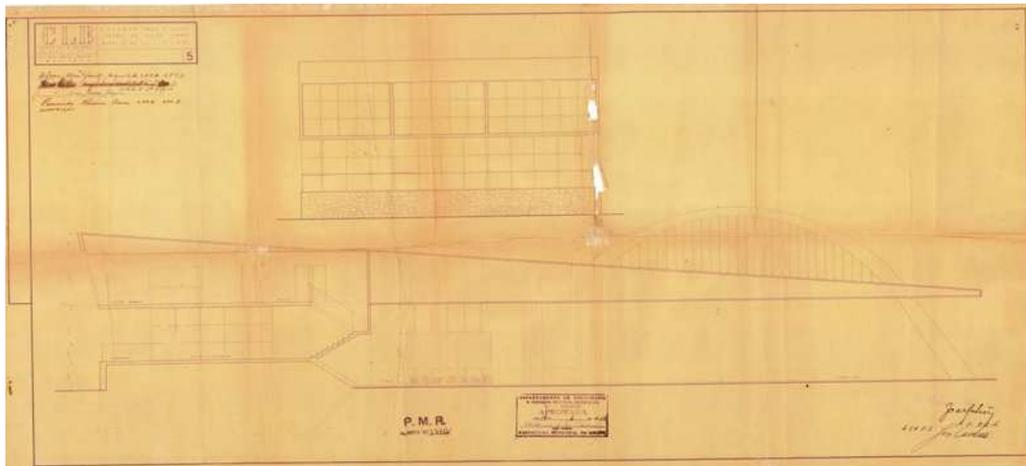


Figura 13: Fachada e Corte do Clube Líbano Brasileiro, projeto registrado na DIRCON, 1960.
Fonte: Arquivos da DIRCON – 6ª Regional.

5. Intervenções sofridas ao longo dos anos: a “transfiguração”.

Conforme comentado na introdução deste artigo, a motivação para o início da reflexão foi a identificação de agressivas intervenções sofridas pela edificação nos últimos anos: com destaque para o acréscimo da área interna de shows e a instalação do Restaurante Bargaço. Na verdade, o que observamos é uma “morte lenta e dolorosa”, aquela denominada por Amorim (2007, p.17) como a morte por “transfiguração”.

A morte é apenas uma, mas usa nomes e meios distintos para atemorizar. (...) Pode se processar por transfiguração, quando ao espelho não se reconhece ou quando suas entranhas não mais obedecem ao sentido que lhes foi dado.

O edifício permanece até os dias atuais como um importante espaço destinado à realização de shows e eventos de médio porte. A realização destes demandou uma ampliação da área útil coberta interna, levando à construção de um acréscimo lateral que destrói a composição do bloco prismático único sustentado por arcos atirantados. A “verruga” lateral que foi adicionada destrói completamente com a lógica da composição entre arcos e volume. O uso continuado, condição essencial à preservação de uma edificação, levou à necessidade de intervenção. Até aqui, tudo bem. Nesse caso, o problema reside exatamente na não identificação do valor arquitetônico original e na desconsideração da preservação de características que lhes eram essenciais no momento da ampliação.

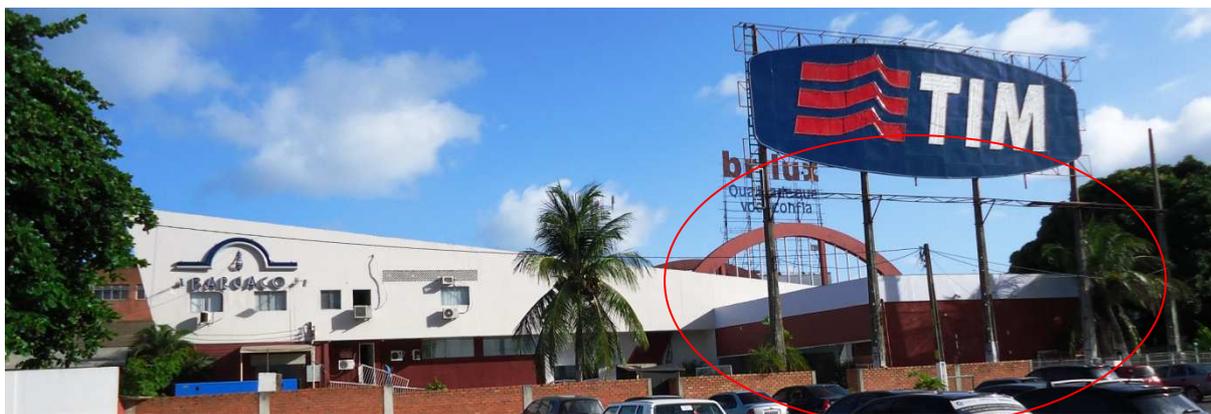


Figura 14: Clube Líbano Brasileiro, com destaque para o acréscimo realizado para ampliação da área interna de shows. **Fonte:** Natália Vieira, fevereiro de 2012.



Figuras 15 e 16: Clube Líbano Brasileiro, relação destrutiva entre o volume acrescido e o arco de sustentação do edifício original. **Fonte:** Natália Vieira, fevereiro de 2012.

A agonia continua em 2009, quando é instalado um restaurante destinado a um público de classe média e média alta, o Restaurante Bargaço, na área que se volta para a Rua Antônio de Góes, ou seja, na fachada frontal da edificação, caracterizada por sua inclinação, pilares e janela em fita. A instalação do restaurante se dá por meio da construção de um acréscimo de uma estrutura de madeira, “rústica”, que simplesmente esconde, encobre totalmente a fachada inclinada característica da edificação e seus pilares. O terraço frontal em madeira passa a ser a “cara” da edificação reconhecida pelos que chegam ao edifício a partir desta avenida.



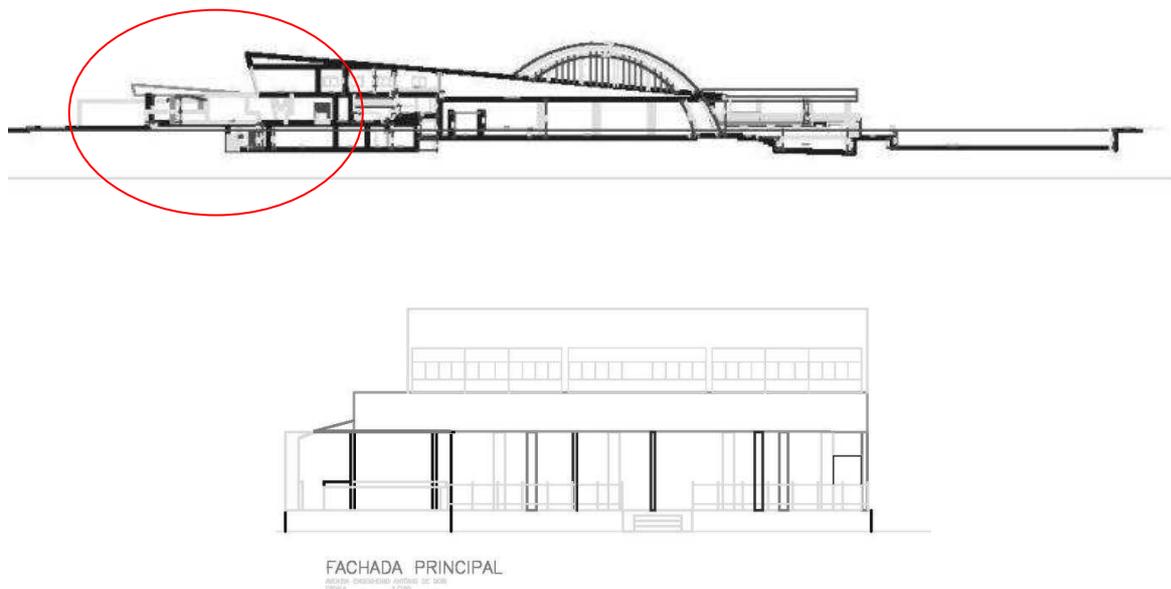
Figura 17: Terraço “rústico” implantado sobre a fachada do Clube Líbano Brasileiro: “Onde está Wolly???” **Fonte:** Natália Vieira, fevereiro de 2012.



Figura 18: Terraço “rústico” implantado sobre a fachada do Clube Líbano Brasileiro: a procura de um ângulo de onde a fachada inclinada e sua janela em fita ainda sejam perceptíveis. **Fonte:** Natália Vieira, fevereiro de 2012.



Figura 19: Área interna do Terraço “rústico” implantado sobre a fachada do Clube Líbano Brasileiro: finalmente, os pilares... **Fonte:** Disponível em <http://www.restaurantebargaço.com.br/filiaisRecife.html> (acessado em 28/02/12).



Figuras 20 e 21: Corte longitudinal e Fachada para a Av. Antônio de Góes do Clube Líbano Brasileiro após a inserção do terraço em madeira. **Fonte:** Levantamento realizado por Josinaldo Santos Ramos, gentilmente cedido às autoras.

Enfim, o golpe de misericórdia, o anúncio da demolição, que soubemos pela gerente do clube, quando estivemos no prédio para registrar as intervenções realizadas. Disse-nos: “(...)Mas não se preocupe, será um belíssimo edifício empresarial (...)”⁴. A informação foi devidamente confirmada na Diretoria de Controle Urbano responsável pela área, onde o novo projeto, um edifício com 23 pavimentos e com uma área total de construção de 27.663,53 metros quadrados – conforme se vê na figura abaixo - se encontrava em fevereiro de 2012 em tramitação. O projeto de Jerônimo Cunha Lima é um prolongamento de um empreendimento mais amplo que se compõe do Shopping Rio Mar e de outras duas torres empresariais. O autor do projeto que substituirá o Clube Líbano Brasileiro projetou também as famosas e polêmicas torres gêmeas do cais de Santa Rita, estas são o piloto de um projeto que vem sendo contestado por um movimento que inclusive deu lugar a uma audiência pública entre as partes interessadas. Mas a ameaça de demolição do Clube Líbano até agora está completamente despercebida pela população.

⁴ Gerente do Clube Líbano por telefone por ocasião da autorização para a visita à edificação. Fevereiro de 2012.



Figuras 22 e 23: O Clube Líbano Brasileiro e o edifício empresarial que o substituirá.
Fonte: Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.098/128> e <http://www.skyscrapercity.comshowthread.php?p=84979530> (acessados em 28/02/12).

6. Conclusão: Sacrifício necessário a quem já agonizava ou haveriam outras alternativas?

Uma das justificativas para demolições bem como para novos empreendimentos em geral é a obsolescência do edifício por questões técnicas ou por abrigar uma atividade em desuso. Tal não é o caso do Clube Líbano, onde até hoje continua sendo realizados shows e eventos.



Figuras 24 e 25: Eventos recentemente realizados no Clube Líbano Brasileiro, tanto no espaço interno quanto externo. **Fonte:** <http://www.fotolog.comeliteproducoes35575652> e <http://www.luizberto.comcolunaeventospage17> (acessados em 12/02/12).

No entanto, o que podemos ponderar é que a inexistência de defesa da demolição deve-se justamente ao fato de que a grande agressão já havia sido feita, quando da modificação para que este clube fosse utilizado pelo restaurante Bargaço. O atual aspecto que assumiu o clube torna difícil, senão quase impossível uma justificativa de defesa de seu valor arquitetônico. Nós sabemos, no entanto, que não é este o critério que define a sobrevivência de uma edificação. As pressões imobiliárias sobre a área, ou seja, o processo atual em que assistimos a substituição de imóveis antigos ou recentes, utilizados ou utilizáveis ou não, por outros com maior área construída e com maior valor no mercado são fatores capazes de destruir imóveis independentemente de suas qualidades arquitetônicas, como vem

acontecendo em diversas áreas da cidade. Talvez a chave para compreensão do pano de fundo deste processo esteja no mote pelo qual aqui começamos: as elites que motivaram a construção de clubes, muitas vezes, guetos foram substituídas por outras. Os edifícios empresariais, como aquele que talvez venha a ser erigido no local onde hoje ainda resta o Clube Líbano, talvez estejam hoje entre os melhores representantes das novas elites e dos novos guetos.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Luiz. **Obituário Arquitetônico: Pernambuco Modernista**. Recife, 2007. 212p.

MARQUES, Sonia; NASLAVSKY, Guilah. **Eu vi o modernismo nascer... e ele começou no Recife**. In: MOREIRA, Fernando Diniz (Org.) *Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade*. Recife: FASA, 2007. 392 p.

MOREIRA, Fernando Diniz; FREIRE, A. C. M.. **O Edifício-quintal de Wandenkolk Tinoco: Reflexões sobre a moradia em altura nos anos 1970**. In: II Seminário Docomomo No-Ne, 2008, Salvador. II Docomomo No-Ne. Salvador : UFBA, 2008. v. 1

MOREIRA, Fernando Diniz; HOLANDA, A. C. O.. **Arte e ética dos materiais na obra de Vital Pessoa de Melo, 1968-1982**. In: II Seminário Docomomo No-Ne, 2008, Salvador. II Seminário Docomomo No-Ne. Salvador : UFBA, 2008. v. 1.

VELOSO, Maisa; VIEIRA, Natália Miranda; PEREIRA, Marizo Vitor. **Crônica de uma morte anunciada: arquitetura moderna em Natal x Copa 2014**. In: Anais do III Docomomo Norte Nordeste. João Pessoa: UFPB, 2010.

Outras Referências

PÁGINA DE ARQUITETURA, Folha da Manhã, nº 49 Domingo, Recife, 26/08/1956. Responsabilidade do Instituto de Arq. do Brasil- Dep. de Pernambuco. Organização do Arq. Edison R. Lima, Ed. Álmare Sala 307 (material cedido por Guilah Naslavsky).

Viagem no navio Rosa da Fonseca – parte 5 - **Dia 10 de junho de 1969 – 4h da tarde In:** <http://fortalezaemfotos.blogspot.com.br/2011/11/estava-ali-nao-esta-mais-parte-2.html>

Entrevista com D. Menira Domingos Neves, viúva do arquiteto, em março de 2012.

Arquivos da 6ª Regional da Diretoria de Controle Urbano de Recife (DIRCON).